

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Geruano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesa  
Rua de Paio Galvão

# O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

## A questão da Câmara do Pôrto

Quando este artigo fôr publicado, não sei se a questão da Câmara do Pôrto já estará resolvida. Mas, esteja ou não resolvida, isso pouco importa para as considerações que os factos já sucedidos permitem que se façam.

A meu ver a questão só tem uma de duas soluções possíveis: ou a Câmara fica ou se demite. E qualquer destas soluções é um funesto sintoma da pavorosa indisciplina que por aí campeia à luz do dia.

De duas uma: ou a Câmara tem cumprido fielmente o seu dever e não se justificam de modo algum as manifestações ruidosas que contra ela se tem feito, ou ela tem cometido abusos merecedores de correcção e o governo tem sido conivente nêles por não a ter demitido.

No primeiro caso aquelas manifestações não se deviam ter consentido, e no segundo o governo desonrou-se.

A questão é entre republicanos puros de gêma.

Pouco importa para o caso que sejam estes ou aquêles que tenham razão. O que é fora de toda a dúvida, é que a razão não pode estar de ambos os lados. Se a Câmara prevaricou, como se consente que, a dois anos de implantada a república, a corporação administrativa da segunda capital da nação falseie escandalosamente a sua missão?

Se numa cidade tam importante o governo não achou cidadãos assaz competentes e integros para gerir os negócios municipais, que diremos ou o que será dos concelhos de menos importância?

Se no Pôrto, onde os republicanos tem uma larga influência, a comissão municipal, por incompetência ou por imoralidade, não satisfaz à confiança que nela depositaram, não admira que por esse país além as desilusões sejam ainda mais amargas.

Que crédito merece o novo regimen, se logo nos seus primeiros anos, em que se esperava uma exemplaridade edificante, os abusos surgem aí a cada canto, a começar nas grandes cidades?

Se assim é no princípio, que será daqui a alguns anos?

Ponderemos, porém, a hipótese de que a Câmara portuense está inocente das culpas de que lhe fazem cargo. Não é mais consoladora a lição moral a tirar deste facto.

Tem havido manifestações de desagrado contra a corporação, arruaças e apupos contra os edis; e isto se tem visto em bastantes dias e muitos cidadãos e associações tem tomado parte nêsses actos.

Se a Câmara está inocente, como agora supomos, que gente é essa que se manifesta contra ela?

São republicanos e dos históricos e daquêles que se jactam de ter prestado maiores serviços à república.

Ora vejam os homens sinceramente patriotas aonde vai parar a justiça dos novos salvadores da nossa terra! Ou são ineptos ou são maus. Eles que escolham. Daqui não há sair.

Se a Câmara procede correcta e legalmente na gestão dos interesses municipais, os que contra ela se manifestam são uns cegos a fingir que veem, são uns ineptos com pretensões de entendidos, são uns doidos que se não conhecem.

E se, não obstante conhecerem que a administração camarária é irrepreensível, teimam contudo em lhe fazer opposição, em lhe criar dificuldades, em deitá-la a terra, então são uns homens que não merecem a mínima consideração. A sua maldade não pode ser desculpada por ninguém.

¿ Que querem êles com as suas hostilidades contra a Câmara?

¿ E' assim que procuram o bem público?

¿ E dizem-se republicanos e democráticos e não sei que mais! Boa vai ela!

Eu, como deixo bem claro, não me pronuncio nem pela Câmara nem pelos seus inimigos. O que pretendi, foi frisar as consequências morais que naturalmente se inferem do estado agudo a que chegou a questão.

Por aqui se vê que a gente, que agora se meteu a governar a nação, padece dos mesmos vícios que a que ela veio substituir. As mesmas ambições, o mesmo favoritismo, as mesmas oposições faciosas, o mesmo desprezo e esquecimento dos interesses públicos. E é isto que nos faz encarar com pavor o o futuro.

Tam enfraquecidos com estas lutas intestinas, e tam descuidados do que mais nos devia interessar, não sei qual será o nosso fim. Parece que uma maldição pesa sobre nós e não nos deixa caminhar àvante.

O caso da Câmara do Pôrto é uma das mil indicações do nosso mal-estar geral e de que os nossos donos não satisfazem ao que dêles era justo esperar.

P. A.

## A REPÚBLICA

Em um país de lunáticos como o nosso é completamente difícil atinar com a realidade das coisas e de tal forma os manes democráticos tem embrulhado isto a que, naturalmente por sarcasmo, alguém chama política, que, se bem que estejamos a dois anos apenas de regimen republicano, já toda a gente se convenceu de que o que nos governa não é uma república feita pelo povo para o povo, mas uma demagogia aristocrática em que este continua a ser o antigo e ridiculo compasso, o reles Zé-ninguém, o triste Zé-esfolado perante o regabofe de aquêles que tiveram a habilidade de o iludir e de o ludibriar.

«A república fêz-se para o povo», dizem vários charlatães, apregoando e encarecendo as virtudes do seu elixir partidário; mas o facto é que o povo já está cansado de ouvir essa lenga-lenga dos saltimbancos políticos e ainda não conseguiu lobrigar uma centelha, sequer, da república que para si fizeram e que êle, com a sua passividade, com o seu acatamento e com o seu respeito consolidou, antes tem, muito mais do que no regimen deposto, aguentado na anca com os patrioteiros armados

em políticos ferrenhos e intransigentes que, para fazerem vingar as suas ambições e estadear as suas vaidades, se servem do odioso e condenável —ou vai ou racha.

Não compreendemos esta maneira de ser da república para o povo e ficamos completamente extáticos quando assim lhe ouvimos chamar, não percebendo como possa haver individuos de vistas tam curtas e fanatismos tam encendrados que sejam capazes de afirmar em público, com aparente convicção, que a república foi feita para o povo quando, na realidade, ela até hoje tem sido dos políticos que tiveram artes de o seduzir com falsas palavras de liberdade e enganosas promessas de melhor futuro, e daqueles que lhes seguiram na peugada, tornando-se algozes do povo que sofre e que trabalha, por meio da ameaça, do terror, das bombas, do sangue e dos incêndios.

No início da república o governo provisório que, como o demonstra a própria denominação que adoptou, não tinha competência nenhuma, porque ninguém lhe outorgou, para legislar sobre outra coisa que não fôsem assuntos de mera administração financeira

e económica, e isso mesmo só em casos de urgente e reconhecida necessidade, exorbitou as suas atribuições e, em obediência a um pacto, já notoriamente público, com a Maçonaria, promulgou leis que trouxeram à população portuguesa, na sua enormíssima maioria, a desilusão e o desalento sobre a capacidade administrativa dos primeiros homens que subiram a gerir os destinos da república, como a lei da separação e a do divórcio, leis fomentadoras da desorganização social, e a do inquilinato, que a ninguém satisfaz e que ainda hoje poucos são os felizes que a compreendem.

Convocou-se uma câmara constituinte por uma forma ilegal e absurda onde apenas imperou a vontade dum partido e foi lançada ao mais completo desprezo a vontade popular, e esta já foi além na ilegalidade e no absurdo porque, sendo a sua única missão elaborar a Constituição política da república e demitir-se em seguida, demissão que lhe estava indicada tambem no titulo que lhe deram os políticos mandatários, fêz da república uma coisa propriamente sua, garantiu-se no seu posto até 1915 e, para maior descaramento político e para maior insensatez patriótica, determinou que o país, que ela se encheu de dizer que estava minguado de recursos e que era precisa muita e muita economia para que ele pudesse subsistir, lhe pagasse os seus serviços à tripa forra e por cabeça, à razão de 100\$000 réis mensais, coisa que os passados pais da pátria, nem mesmo nas épocas das vacas gordas, conseguiram abichar ou tiveram o arrôjo de exigir.

Isto é deles ou do povo?

Evidentemente isto é deles.

O povo, justamente melindrado pelas leis que o vieram ofender na sua consciencia e na sua dignidade de povo livre, justamente indignado com o procedimento daquêles que tinham restricta obrigação de respeitar a sua vontade de povo soberano

no, farto de recomendar juízo e prudência, espera com paciência a sua hora para proferir o *veredictum* justiceiro que há de castigar os maus patriotas, premiar os bons e orientar o país por um novo caminho que o desvie do descalabro imminente se as coisas assim continuam.

Há bem pouco dizia-se que os descontentes eram apenas os padres e os católicos; porém hoje já vemos que na fileira dos descontentes teem tomado lugar elementos vários, que não são padres nem católicos, e entre os quais se conta até grande número de revolucionários, dos próprios que, com a sua coragem e com o risco da sua vida, ajudaram a fazer a república.

Querer-se há maior prova de que esta república não foi feita para o povo, mas sim para goso e proveito de uma determinada facção partidária?

Não é necessária. O que se tem visto nestes dois anos, e o que os republicanos descontentes agora nos deixam ver por entre as reticências das suas palavras, é mais que suficiente para demonstrar e confirmar que a república feita para o povo ainda não surgiu.

Mas há de surgir um dia.

As eleições não de fazer-se e então soará a hora da justiça popular por meio da urna e pela boca dos legítimos representantes que o povo mandar ao parlamento.

Então se ajustarão todas as contas, se tomarão todas as responsabilidades, se porão a descoberto as chagas dos falsos patriotas que se serviram da bondade do povo e da senilidade do país para se engrandecerem a si próprios, para se honrarem e para se fazerem temer.

A hora do ajuste há de ser terrível, assustadora, horrorosa, e nela não faltarão as trevas e o ranger de dentes, mas depois disso far-se há luz, e luz redentora, que irá abrir muitos olhos e esclarecer muitos espiritos.

Esta república é deles, evidentemente.

Mas o povo há de surgir com as primeiras eleições, se o povo tiver paciência de esperar até lá.

**A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas acessórios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a péso, panos para exovais, guarda-sóis etc., é a LOJA DO BENJAMIM —Teural, 105.**

Falam os que mais direito teem

## DR. AFONSO COSTA. CARTA REGISTRADA

publicada no "Notícias do Lima,, de 10 de Novembro de 1912

Como um jornal de Viana «O Povo» em escrito de pretendido chiste, aludindo à minha carta aberta ao dr. Afonso Costa, entendeu que eu não teria mandado a carta registada ao mesmo sr., público-a para evitar dúvidas.

O correio e o sr. Afonso Costa poderão provar se, sim ou não, a enviei e se a recebeu.

Essa carta, que agora se transcreve, responde também ao «Aparte» do mesmo número 428, quando nela digo: «E' um radical que lhe fala assim, mas que deseja em primeiro lugar a paz e a salvação do seu país».

E' de uma inconsciência criminosa, de lesa pátria, querer que vigorem as ideias de cada um com prejuizo da própria pátria.

Em um país de analfabetos, para que a harmonia impere é preciso que se caminhe devagar, com suavidade, cautelosamente, evitando atritos.

De que serve o meu radicalismo se o país não o pode tolerar, porque se lhe não amolda, não o entende, sem que a sua illustração o permita?

Que tem utilizado o país com todo este estado de cousas trágicas, de incursões, tribunais merciais, prisões atulhadas, um mar de ódios que esvurma feoz de todos os peitos, contra tanta arbitrariedade, ganância, vaidades e sectarismo doentio e intolerável?

Aí vai a carta:

«Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Afonso Costa

E' um velho que V. Ex.<sup>a</sup> conhece há muitos anos, sem talento, mas também sem vaidades, que lhe vai pedir um favor, se ainda fôr tempo, que redundará em benefício da nossa pobre pátria, senão talvez da sua salvação.

Vejo que isto caminha mal, muitíssimo mal e eu, juntamente com a enorme maioria do povo português, atribuímos as desgraças que possam aniquilar este país ao feio tirânico e sectário que V. Ex.<sup>a</sup> adoptou como norma politica.

Serve, pela sua energia, para derruir; para edificar, não.

V. Ex.<sup>a</sup> é doente e eu sou velho, e desejava que esta pátria, que tem 800 anos, continuasse a existir.

V. Ex.<sup>a</sup>, no meio em que vive, desconhece talvez que é profundamente odiado, pois é rodeado por homens gananciosos, em grande número, inconscientes ou vaidosos, que lhe não falam verdade, incitando-o, bajulando-o, e daí o nosso mal.

Para isto viver é preciso que a República seja conservadora, oportunista, prudente, pois V. Ex.<sup>a</sup> bem sabe que o português é analfabeto e não é com grandes saltos que se caminha e sim a passo e passo, para se ir longe.

Este mau estar, a nenhuma simpatia que a República tem hoje, é devido aos muitos erros e infâmias praticadas e também às divergências que a maldita vaidade gerou; e tudo isto nos conduz ao caos e ao esfacelo, mórmente com a ganância que as nações teem pelas nossas colónias.

E' preciso vencermos o nosso adversário pela rectidão do nosso proceder e não pela força.

«Está garantido o nosso domínio colonial!» asseverou V. Ex.<sup>a</sup> há dias em Paris.

E' uma lèria, como muitas outras.

Para isso era preciso que houvesse muito juízo, e eu não o vejo.

Faça um esforço supremo sobre si próprio, tenha na perspectiva a pátria e os seus próprios filhos, e que dêse esforço saia o bom senso, a serenidade, a pacatez, e a pátria viverá.

Tem talento, não há dúvida, mas o talento sem ser acompanhado de outras qualidades nada vale, e é um horrível mal que nos traz a desgraça.

E' um radical que lhe fala assim, mas que deseja em primeiro lugar a paz e a salvação do seu país.

Sonhei mais de trinta anos com este ideal, mas não foi para o que estou vendo.

Expulsemos o que for ordinário, mas abracemo-nos como portugueses e patriotas.

Deixemos as vaidades e outras qualidades ruins e sejamos todos irmãos.

Tenho o amor da pátria em subido grau e vejo-a prestes a perder-se.

No silêncio do seu gabinete, e a sós, pense na pátria e no seu passado glorioso, fitando os seus filhinhos, e deixe lhes esta pátria para eles também.

Que orgulhos, vaidades, e vinganças desapareçam.

Que não haja na nossa história outro Miguel de Vasconcelos ou pior ainda.

Que a visão da pátria faça aniquilar em V. Ex.<sup>a</sup> todos os sentimentos maus.

O que sinto e conheço é o que escrevo.

Não tenho interesses nenhuns ligados ao que digo.

Deixei ao cérebro a ao coração este assunto.

Nem por sombras pensei offendê-lo.

Querira abraçá-lo ainda um dia com as lágrimas nos olhos, mas de agradecimento.

Sou com toda a consideração,

De V. Ex.<sup>a</sup>

Am.<sup>o</sup> at.<sup>o</sup> Ven.

António José Barbosa Perro.

Ponte-de-Lima, 17 de Março de 1912.

P. S.

A politica baixa, miserável, que se adoptou, tam igual à do regimen caído, faz asco e nojo aos republicanos sensatos, aos indifferentes e até aos próprios monárquicos!

V. Ex.<sup>a</sup> disse em Paris, que não havia mais monárquicos em Portugal!

Outra lèria.

Há mais hoje do que nunca.

Barbosa Perro.

Infelizmente parece-me que estou sendo um vidente.

E a não ser uma mão de ferro que contenha os partidários do sr. Afonso Costa, tudo isso pôde acabar tragicamente.

No Pôrto uma collecção de desconhecidos, (alguns o são, mas tristemente) procuram apossar se das cadeiras do município por uma forma infame e desprezível, antepondo-se a todas as associações de valor que o Pôrto tem.

Essa horda é partidária do sr. Afonso Costa, pois que é gente conhecida nas suas comissões politicas e que nada fariam se não fôra uma calculada certeza de impunidade.

E' este o homem que mais ódios hoje concentra e que tenta dirigir o país pelo terror!

Parece-me ser isso a suprema vaidade, na sua fase pior, a loucura.

Tivemos um outro homem que não chegou a ser tam odiado como este.

Foi João Franco.

Como nessa época, presente-se, adivinha-se qualquer cousa de trágico para que se descarregue, se esvaire esta núvem negra que paira sobre o país.

Como no tempo de João Franco, o país quer viver, quer trabalhar.

Isto assim não pode continuar, ou é um país liquidado.

Dizia eu ao dr. Afonso Costa na carta registada que lhe escrevi: *Que não haja na nossa história outro Miguel de Vasconcelos ou pior ainda.*

A minha vidência realiza-se, a não ser que um pulso de ferro os contenha mandando para Timor, todos os que tentam acabar com isto.

Que fundem lá uma República modelada pelos seus cérebros anormais.

Não há simpatias nem amizades.

O chefe do govêrno tem de intervir.

São milhões de pessoas que pedem a sua enérgica intervenção.

Todo o país está transido de terror.

Isto não é viver.

O povo foge espavorido.

As nossas aldeias despovoam-se.

O nome de Afonso Costa corre de serra em serra, como o do anjo mau da pátria.

E' encarado como o do mais fidalgo inimigo deste país.

E' como que o anjo do extermínio pairando sobre as nossas cabeças.

Quando no tempo de João Franco, eu pensava ter sobre a cabeça «o penedo branco» de Refojos.

Agora dá-se o mesmo fenómeno.

Que desgraçado país, onde os irregulares, os déspotas, tem a vaidade do mando «a ferro e fogo!»

Que tiranos, que raça estupenda e degenerada.

A degeneração de João Franco, provou-a Attur Leitão num folheto que tenho.

Os seus antepassados eram uns tarados.

Diversas pessoas de familia tiveram morte violenta, por meio do suicídio.

Esse homem fatal foi o autor da tragédia do Terreiro do Paço.

Que haverá mais agora?

Que fatalidade perseguirá ainda este pobre país!

Se desaparecesse um jornal de Lisboa e se Afonso Costa fosse para a Suíça, a pátria viveria.

Porque não faz esse homem o sacrificio da sua vaidade?

Que fatalidade persegue este país, para que a tenacidade dêse homem, provada como um mal supremo, queira dirigir este povo a pontapé e a sopapo, arbitrariamente, aniquilando se a si ou à pátria em que nasceu?

Que destino nos estará ainda determinado pela história?

Em carta impressa que a 14 de Abril do corrente ano dirigí a deputados e senadores e quando da formação do actual ministério, dizia eu: «Repilam o procedimento dos Turcos e principalmente o da Polónia».

O meu vaticínio realizou-se.

Os Jovens-Turcos, que são como os radicais de cá, descalabram a sua pátria.

Aqui é infalível o mesmo destino, a não ser que o sr. Duarte Leite ponha um termo a este declinar precipitado.

Como os Jovens-Turcos, os radicais de cá terminam com isto. E' fácil o concertar.

Em carta de 4 deste mês, indicava eu ao sr. Duarte Leite o remédio eficaz.

A energia de Afonso Costa e dos seus artuaceiros termina quando de frente lhe appareça outra energia mais tenaz.

Eu a teria e sou um velho.

Querer é poder.

E esse querer, quando coroa-

do pela razão suprema, é invencível.

O abismo avizinha-se para este país, e é preciso um travão.

Não há energia que se não desfaca perante uma energia maior.

Conheço muito a energia dos valentões de feira: valentia de aparência, calculada, teatral, para incutir o terror nos tibios, nos homens vulgares.

Que outro homem appareça para esse extraordinário vaidoso, e ele se acobardará como o mais pigmeu dos mortais.

Conheço o jôgo dêsse homem e de todos os da sua laia.

Duarte Leite pôde defrontar-se

lhe.

E' uma pátria que lho pede. São milhões de homens que lho rogam; milhões de homens que querem trabalhar e viver.

A fortuna protege os audazes: costuma dizer-se, e até já vem do latim.

Que essa audácia a tenha Duarte Leite, e o país viverá.

António José Barbosa Perro.

Ponte-de-Lima, 6 de Novembro de 1912.

## Êle o disse...

No parlamento disse o sr. Duarte Leite, fazendo o elogio do malogrado sr. Canalejas, seu colega em Espanha:

«Um crime como este, que levanta a reprovção universal, um crime que a nada mais pode visar do que ao aniquilamento duma grande individualidade, é, com certeza, a obra dum alucinado, que não sabe ver além das estreitas fronteiras da sua obsessão.»

Fala o sr. presidente do conselho de ministros com toda a autoridade que dimana da sua muito illustre pessoa, e também com a que lhe empresta a importância do alto cargo que desempenha.

Disse sua excelência muito bem.

Mas há uma differença importante, que é necessário não esquecer.

Praticou-se também aqui, em Portugal, um crime dos tais que «levantam a reprovção universal, um crime que a nada mais pode visar do que ao aniquilamento de uma grande individualidade» e que não foi, decerto, senão «obra de um alucinado que não sabe ver além das estreitas fronteiras da sua obsessão», e, no entanto, certa imprensa applaudiu o acto e glorificou os seus autores e ainda hoje, em plena vigência das palavras do illustre presidente do conselho, se juncam de flores as campas de Buissa e Costa só porque qualquer destes, «que não sabia ver além das estreitas fronteiras da sua obsessão», assassinou covardemente aquele que então se chamava Sua Majestade El-Rei D. Carlos I.

Um assassinato é sempre, quaisquer que sejam as roupagens com que o adornem, um assassinato, quer o assassinado seja um rei, um presidente de conselho, ou mesmo um mendigo.

E' um assassinato que merece a mesma reprovção, a mesma censura, o mesmo tédio e o mesmo nojo.

Porque é um crime!

Porque é um assassinato!

Mas em Portugal gloriifica-se os assassinos Buissa e Costa, porque, satisfazendo os desejos democráticos, assassinaram El-Rei, e cobrem se lhes as campas de flores, com beneplácito e aplauso dos jornais da côr, *verbi gratia* o *Mundo*, em quanto que se expõe o procedimento dum assassino que matou o horrível Canalejas, o *tratante* do convento nos manejos conspiratórios.

Mas... o sr. presidente Duarte Leite o disse... lá o entendeu...

Só temos pena que a desditosa vitima de Pardiñas não possa ver estas coisas para se rir de *sus hermanos* e da sua incoerência em matéria de assassinatos.

IDÍLIO

VI

Foi-lhes tolhido pelo pai perverso
Esse amor que souberam ocultar
Entre as baladas místicas do verso
E os suspiros de lânguido cantar;

Mas impossível foi tornar adverso
Aquele idílio, aquele terno amar
Que aumenta mais em máguas submerso
Do que hora a hora a ver-se num olhar!

E os anos passam sem 'squecerem ainda
Tam rósea afeição tornada infinda
A vóz do coração dos dois amantes:

Cada dia na troca dum postal
Esquecem o martírio do mal
P'ra se croarem ambos de brilhantes!

Romeu.

Será crível?!...

Dizem os jornais que o sr. Machado dos Santos apresentou na Câmara dos Deputados, em que também é figurante, o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—Que em todos os fóros e instâncias sejam trancados os processos que respeitam a crimes e delitos políticos ou religiosos, cometidos até esta data, fazendo-se sobre elles perpétuo silêncio.

§ 1.º—Para os efeitos deste artigo, deverão cessar, desde já, todas as investigações de carácter judicial, militar ou policial.

Art. 2.º—Que os agentes e acusados de crimes e delitos mencionados no artigo 1.º, cumprindo pena ou sujeitos a prisão preventiva, sejam imediatamente restituídos a liberdade.

Art. 3.º—Que seja revogada a legislação em contrário.

Custa-nos a acreditar que o sr. Machado dos Santos, o herói da Rotunda, aquele a quem chamam, talvez com justa razão, o pai da república, levasse para o parlamento um diploma de tal natureza, quando tantos outros heróis de contrabando pedem o Sambenito e a fogueira para os criminosos políticos.

Mas é infelizmente assim. Os verdadeiros heróis, aqueles que se bateram pela república, reconhecem que se tem errado muito e que só por uma grandiosa obra de pacificação e regeneração de costumes se pode enveredar por caminho direito e pedem silêncio e esquecimento sobre o passado.

Os outros, os que fugiram na hora do perigo, mas passado elle correram a tomar parte de leão nos despojos da presa, querem que a orgia continue porque são insaciáveis, querem que haja descontentes e existam conspiradores porque só com esse pretexto poderão comer mais.

A ideia do sr. Machado dos Santos é duma grandiosidade imensa de generosidade e de humanitarismo.

Ela tem a aprovação geral do país, mas não terá, estamos já a vê-lo, a dos homens do parlamento.

Não terá decerto porque a maioria dos deputados representa o partido democrático, como não podia deixar de ser em uma eleição feita pelo directório e não pelo povo, e do lado desse partido é que estão os esfomeados, aqueles que querem orgia e muita orgia, comer e comer muito, que

lhes impoem a sua intransigência. E assim, se tal acontecer, se perderá a occasião de dar um grande exemplo de nobreza e imparcialidade que oxalá não nos traga o reverso da medalha—uma lição bem dura de roer para este desgraçado país.

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

'Rebate falso,

Depois de algumas tentativas com outras tantas rejeições, vai enfim ser representada uma peça teatral feita pelo sr. A. L. de Carvalho a que deu o titulo que nos serve de epigrafe.

Vamos ter peça nova, original, o que é um grande acontecimento para a nossa terra em que os escritores e literatos, que como tais devem considerar-se, se recolhem ao silêncio das suas cogitações para darem lugar aos tortulhos que brotam no vasto campo da literatura portuguesa.

A falta de outros conhecimentos sobre a nova peça limitam-nos a fazer-lhe as referências que o próprio autor lhe faz na sua «Alvorada», e como em matéria teatral alguém deste jornal deve ao mesmo autor finezas incalculáveis, no dia 28 do corrente, que é quando a peça se representa, vamos armar em carpinteiros.

Já compramos bilhete, visto que a comissão promotora do espectáculo de que o sr. Carvalho faz parte, se não dignou contar-nos no número da imprensa local, mas descanse o autor que não nos vencerão animosidades nem melindres.

Justiça e só Justiça é o que aqui se costuma fazer.

Alguma coisa podíamos ir adiantando, mas por hoje sejam somente as palavras do autor, que são as seguintes:

«E' uma comédia com caracter escolar, vertida em 2 pequenos actos e um quadro, com alguns números de música. O seu original pertence a um vimaranense que nos afirma ser um trabalho despretençioso, mas honesto, sem situações equivocas, feito mais para educar que para perverter. A sua acção passa-se numa escola duma aldeia do nosso Minho, sendo nela personagens obrigados o liberal mestre-escola, o autorizado reitor e mais o homem da lei, o regedor, que cumulativamente é também barbeiro e alveitar. Uma sindicância á

escola é o motivo, o nó górdio de todo o desenrolar da scena. Não sendo, como diz o seu autor, uma peça de tese, é evidente que não há ali triunfos de doutrinas ou princípios, pois são leves todas as nuances, e houve, sobretudo, a preocupação de defender o característico de todas as figuras que lhe dão relêvo.»

Conselho de amigo

Tu gostas, menino, de andar em Bicicleta?

Pede ao papá que te vá comprar já uma à Loja do Benjamim, ao Toural, que é a única casa que as tem, nesta cidade, da repufada e garantida marca Derby 1912. Bicycletas desde 22\$000 a 50\$000 réis.

Olha a diferença...

Alguém se admira de que na Suissa, país que tem pouco mais ou menos metade da nossa população, se gastem com a instrucção dezóito mil e duzentos contos, enquanto que em Portugal se gastam apenas três mil contos de réis.

Pois não é para admirar.

A Suissa é um país pequeno, não há duvida, mas é um país de trabalho, de ordem, de civismo e de amor nacional.

Levem para lá os heróis, grandes e pequenos, que apareceram depois da revolução, os que se julgam com direito a comerem, e os carbonários todos que aqui há e verão para onde marcham os dezóito mil contos e muitos mais milhares.

E' um ar que lhes dá.

Instituto de Assepsia

Do sr. Manuel Jesus de Souza, farmaceutico, desta cidade, recebemos a seguinte carta, a que damos publicidade, para conhecimento dos interessados:

...Director de o jornal «O Lusitano».

Temos a honra de participar a V... que está definitivamente instalado nesta cidade, na rua da República, 50 a 54, um Laboratório de análises clínicas e de esterilizações denominado «Instituto de Assepsia», com o qual muito tem a lucrar a classe médica, bem como o público.

Este Laboratório tem á sua frente um director competentemente habilitado no Laboratório Nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto, onde, durante um ano, conseguiu um diploma que honra os melhores analistas.

Os seus proprietários resolveram por esta forma levar ao conhecimento de V... a abertura do novo estabelecimento, e desde já o convida a visitá-lo.

De V... com a maxima estima e consideração

Manuel Jesus de Souza.

Festas Nicolinas

A Academia Vimaranesse resolveu não realizar este ano os tradicionais festejos Nicolinos, promovendo somente a recita do 1.º de Dezembro, destinando o seu produto liquido á fundação duma Caixa Filantrópica.

E' de esperar que todos os vimaranenses acorram ao teatro, auxiliando assim os estudantes que, dotados de intelligência, não possuem os meios necessários para fazerem face ás despesas que ocasiona a frequência num liceu.

A lei da separação

Uns pretendentes á parochialidade de São Lourenço de Sande, veem espalhando, com o fim de indispor a opinião católica daquella freguezia, que o nosso assinante sr. Padre Bento Alves, digno abade daquela freguesia, requereu a pensão. E' falsa tal asserção, pois diz-nos o sr. Padre Bento Alves repugnar á sua consciéncia de padre católico apostólico romano, ter aceite ou requerido a pensão, condenada, e com justiça, pela Santa Sé.

Aproveita-se também a occasião para, por este meio, fazer saber a todos os seus fregueses, que só depois da respectiva licença eclesiástica arrendou a residéncia parochial, para sua moradia.

Outra coisa não era de esperar de sua rev.ª, pois temo-lo na conta de um padre exemplar e dignissimo.

AVISO

Toda a correspondéncia relativa á Redacção de «O Lusitano», deve ser enviada para a rua Dr. Avelino Germano (antiga rua de S. Paio) n.º 62.

Teatro Gil Vicente

Hoje sobe á scena a peça em 3 actos—O hotel de livre câmbio.

Falecimento

Faleceu ontem, pelas 6 horas da madrugada, a ex.ª sr.ª D. Estefânia Adelaide Andrade, extremosa mãe dos nossos presos amigos João, Jesualdo, Virgílio e António Andrade, a quem enviamos o nosso cartão de condoléncias.

O BENJAMIM, ao Toural 105, é correspondente das 7 importantes fábricas de Bicycletas das seguintes marcas: Derby, Spring, Peugeot, Raleigh, Tagus, Sirius e Kirm-Dura que vende desde 22\$000, 35\$000, 40\$000 e 50\$000, postas nesta cidade sem mais despesas.

Análises de urinas, escarros,

pus, sangue, vinhos, vinágres, azeites, queijo e manteiga, etc.

Laboratório de análises, junto á farmácia Dias Machado

GUIMARAES

Azeitona d'Elvas a 120 e 200 réis chegou á CASA BARBOSA.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, á rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela

Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficéncia Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portuguezes no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providéncias para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de aluguéis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferéncias, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referéncias em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

Regimento de infantaria n.º 20 Anúncio

O conselho administrativo deste regimento faz público que no dia 27 do mês corrente, pelas 12 horas, na sala das suas sessões, se há de proceder á arrematação em hasta pública para o fornecimento dos concertos «matérias primas e mão de obra», no calçado das praças deste regimento e suas adidas, durante o ano de 1913.

As propostas, organizadas conforme o modelo junto ao carderno de encargos, devem ser entregues até áquella hora na secretaria deste conselho, acompanhadas da quantia de 20\$000 réis, como caução provisória.

A caução definitiva será de 5% do valor calculado do fornecimento.

As demais condições, o carderno de encargos e o regulamento para a formação de contractos em matéria de administração militar acham-se patentes na secretaria deste conselho em todos os dias úteis, desde as 11 ás 15 horas.

Quartel em Guimarães, 12 de Novembro de 1912.

O secretário do conselho administrativo, Jácome Maria Oom do Vale. Tenente de infantaria 20.

FUNILEIRO Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente á sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.

GUIMARAES

## AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

## Colégio

## Académico

Rua de S. Domingos, 19

## GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programma a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico  
Luis Gonzaga Pereira.

## TIP. MINERVA



## VIMARANENSE

Officina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na officina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. \* \* \* Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL  
COM  
**FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO**  
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER  
QUE VÃO DIRECTAMENTE  
DAS FABRICAS AO COMPRADOR  
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECEMENTOS SINGER  
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM  
JÁ NAS  
MACHINAS  
PARA COSER

**SINGER**

MAIS  
APERFEIÇOAMENTOS  
NEM  
MECHANISMO  
MAIS  
EXCELLENTE

MAXIMA LIGUEIREZA.  
MAXIMA DURAÇÃO.  
MINIMO ESFORÇO  
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

## Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

# O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	
Ano . . . . .	1\$200 rs.
Semestre . . . . .	600 "
Pelo correio . . . . .	
Ano . . . . .	1\$300 "
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	400 "
Estados U. do Brazil (ano) . . . . .	1\$600 "
Países da União Postal . . . . .	2\$000 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas cada um . . . . .	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra  
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesa

GUIMARÃES

# O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 23

Ex.<sup>mo</sup> Sr.